

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENÊNCIA DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**



**ARTIGO: SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NAS 5^{as}
SÉRIES**

ÁREA: PEDAGOGIA

NOME DA PROFESSORA PDE: REGILDA LOPES DE ALBUQUERQUE

PROFESSORA ORIENTADORA DA IES: DRA. ELIANE ROSE MAIO BRAGA

MANDAGUARI

2008/2009

Regilda Lopes de Albuquerque Piasentim

**ARTIGO: SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NAS 5^{as}
SÉRIES**

Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento
Educativo - PDE.

Professora: Dra. Eliane Rose Maio Braga

**MANDAGUARI
2008/2009**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	6
2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.....	13
3 A ORIENTAÇÃO SEXUAL E OS PROFESSORES.....	14
4 OMISSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	15
5 CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	20

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NAS 5^{as} SÉRIES

PIASENTIM, Regilda Lopes de Albuquerque¹
BRAGA, Eliane Rose Maio²

RESUMO

O adolescente traz para dentro da escola influências sofridas pela sua família (com seus valores conservadores, liberais ou progressivos), por livros, por pessoas não pertencentes à sua família, e hoje em dia, principalmente pela mídia, que acaba atuando de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e até adultos. A escola, enquanto espaço esclarecedor de dúvidas e formulador de questões e possíveis soluções que busquem o alívio das ansiedades dos alunos e também de espaço em busca do desenvolvimento do prazer pelo conhecimento, então, oferecer um trabalho sistematizado de Orientação Sexual Escolar, visando à promoção da saúde dos alunos envolvidos, principalmente para o seu bem-estar e a vivência de sua sexualidade atual e futura. As atividades desenvolvidas durante a participação no PDE/2008 (Programa de Desenvolvimento Educacional) contribuíram significativamente para ampliação dos meus conhecimentos, sendo realizadas várias dinâmicas. Este artigo visa esclarecer este assunto tão complexo da sexualidade. O mesmo está dividido em sete partes, quais sejam: introdução, breve histórico da educação sexual, a educação sexual na escola, a orientação sexual e os professores, omissão da educação sexual, contribuição dos pais na educação sexual e, por fim, as considerações finais.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescência. Educação. Orientação Sexual Escolar.

ABSTRACT

The teen brings into the school influences experienced by his family (with its conservative values, liberal or progressive), in books, others outside the family, and nowadays, especially the media, which has just acting in a decisive manner sexual education of children, youth and even adults. The school, illuminating an area of doubt and formulator of issues and possible solutions that seek to relieve the

¹ Professora Pedagoga da rede Pública Estadual, participante do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – 2008. Autora do Artigo.

² Doutora, Professora da Universidade Estadual de Maringá e Orientadora do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – 2008.

anxieties of students and also space in search of pleasure for the development of knowledge, then, offer a systematic work to School Orientation, aiming to promote health of students involved, especially for your well-being and experience of their sexuality present and future. The activities during participation in PDE/2008 (Program for Educational Development) contributed significantly to expansion of my knowledge, being held several dynamics. This article aims to clarify this very complex sexuality. It is divided into seven parts, which are: Introduction, brief history of sex education, sex education in school, sexual orientation and teachers, failure of sex education, parental contribution for sex education and, finally, the final consideration.

Keywords: Sexuality. Adolescence. Education. Orientation School.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da temática da “Sexualidade e a Adolescência nas 5^{as} Séries”, tendo como problemática “como trabalhar a sexualidade dos jovens na adolescência?”.

Percebemos em nosso dia a dia o anseio da comunidade em orientar os jovens com relação à sexualidade. Por isso sentimos a necessidade de pesquisar e buscar alternativas para colaborar com a formação integral dos adolescentes da comunidade. Além disso, pretendemos ajudá-los a esclarecer suas dúvidas para que adquira maior confiança em si próprio.

Ainda nos dias de hoje, é tão difícil falar sobre sexo e sexualidade, mesmo estando este tema estampado em programas de televisão, músicas, revistas e tantas outras maneiras, que fazem parte do dia a dia e da nossa realidade.

As famílias não oferecem formação a seus filhos, deixando-os que aprendam tudo na escola, ou muitas vezes com pessoas de má intenção, tendo a possibilidade de aprenderem de maneira extremamente errada, causando nestes jovens preconceitos e tabus.

Mesmo a sexualidade sendo um assunto proibido para diversos adultos, não podemos cobrar deles mais informações, porque a educação que eles receberam sobre sexualidade leva-os a não se sentirem a vontade para falar sobre o assunto.

Alguns pais não falam sobre sexualidade por medo, por não considerarem assunto para crianças e por outras razões diversas, muitas vezes pela

própria educação que tiveram.

A confusão forma-se na cabeça das crianças, quando os pais escondem ou inventam algo sobre o sexo, muitas vezes evitando falar sobre o assunto, criando verdadeiros tabus.

Meninos e meninas acabam procurando respostas para suas curiosidades, das diversas maneiras nem sempre corretas, através de revistas, filmes e conversas com determinados “amigos” não obtendo na maioria das vezes respostas corretas e objetivas.

Para Tiba (1998, p. 32) “ensinar é um gesto de generosidade, humanidade e humildade”. É necessário que os pais e professores se conscientizem que independente da idade, a sexualidade está presente e as dúvidas devem ser esclarecidas e discutidas, de maneira objetiva, simples com humildade, pesquisando quando as questões apresentadas pelos filhos e alunos fugirem ao conhecimento dos pais.

Para tanto, com esse artigo queremos contribuir na formação do sujeito, como ser completo, não apenas no conhecimento intelectual, mas que ele possa se perceber como ser integral, com suas emoções, comportamentos, e que o mesmo possa a vir somar com as experiências e questionamentos deste trabalho, mudando a sua trajetória de vida, não se deixando levar apenas por emoções, fantasias, ou impulsos que mais tarde poderão acarretar em danos para sua personalidade, criando gravidez indesejada, doenças etc.

Em decorrência de bairros onde moram, observamos que os jovens são levados para outros caminhos que não são adequados para sua idade e nem para a vida de qualquer ser humano, como criminalidade e outros. Já na escola o comportamento de alguns jovens e adolescentes é bastante prematuro, pois estão voltados à promiscuidade, com palavrões, gestos obscenos.

Objetivamos buscar alternativas de orientação aos jovens no sentido de suprir os questionamentos levantados por eles, pesquisar conjuntamente novas maneiras de abordar a temática da sexualidade, orientar os jovens com relação ao reconhecimento sexual, colaborando com a sua formação integral da comunidade educativa.

1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A discussão sobre a inclusão da sexualidade no currículo das escolas tem se intensificado a partir da década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Estas práticas se fundamentam na idéia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família.

Os PCN (BRASIL, 1997) definiram a orientação sexual como um dos temas transversais que devem perpassar toda concepção e estruturação do ensino fundamental e médio em nosso país.

A educação sexual escolar sempre foi objeto de polêmica em nossa tradição educacional. A escola brasileira pública e privada, sempre manteve este tema distante de seus procedimentos curriculares e responsabilidades institucionais. (NUNES, 2000).

Para Sampaio (1995) a sexualidade deve ser orientada de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa.

Busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel do homem e da mulher, o respeito por si e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros que são problemas atuais e preocupantes. Todos esses fatores denotam uma necessidade cada vez maior da inclusão da temática sexual no currículo escolar.

Para a sexóloga Suplicy (1983), é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual, uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos dois ou três anos, mesmo sem o uso da palavra. A maioria o fará com quatro ou cinco anos de idade. Nesta fase o que a criança quer saber é muito pouco, não é preciso explicar detalhes, mas também não se pode mentir, brigar, desconversar. Explique o básico na linguagem que ela puder entender.

Para Freud (1970) a teoria do inconsciente permitiu o entendimento

da formação de traumas no indivíduo, na investigação da origem dos traumas. Ele estudou a criança e descobriu que o início das neuroses está na repressão sexual sofrida pelos indivíduos ainda na fase infantil da vida. Podemos entender a repressão mental como processo que exclui da consciência sensações ou lembranças desagradáveis que são remetidas ao inconsciente.

O instinto sexual de todos os instintos humanos é o mais reprimido pela cultura e também o que mais amplamente se manifesta seja por via neurótica ou sadia, tamanha é a sua força.

Para tanto,

[...] o modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a vida sexual, procuram por todos os meios ocultá-la. Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentira, para se resguardarem, como se reunissem um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis a atividade sexual (FREUD, 1970, p. 38-39).

Fagundes (1995) acredita que se uma criança não tem desde cedo um esclarecimento sobre assuntos ligados ao sexo, não compartilha seus medos e ansiedade com seus pais.

E se os pais não lhe dão apoio nas suas descobertas, certamente ela será um adolescente carregado de dúvidas buscando em revistas e conversas com amigos o entendimento deste processo e, provavelmente, um adulto com complexos, culpas e preconceitos. A sexualidade infantil estabelece as bases para sexualidade na adolescência e para a sexualidade na vida adulta.

Para Souza (1991, p. 18) Educação Sexual é:

Oferecer condições para que um ser assuma seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medo e culpa, preconceito, vergonha, bloqueios ou tabus. É um crescimento exterior e interior, onde há respeito pela sexualidade do outro, responsabilidade pelos seus atos, direito de sentir prazer, se emocionar, chorar, curtir sadiamente a vida. É ter direito a esse crescimento com confiança, graças às respostas obtidas aos seus questionamentos, podendo criticar, transformar valores, participar de tudo de forma sadia e positiva, sempre buscando melhores relacionamentos humanos.

A questão dos preconceitos que envolvem a sexualidade não tem

origem na criança, mas no mundo e sociedade onde esta criança vive.

É muito difícil trabalhar a sexualidade, pois mexemos com a nossa sexualidade, com nossos conceitos em relação a ela. A educação sexual passa pela educação do educador. O professor deve estar consciente da beleza e dignidade do sexo. Deve encarar com tranqüilidade a curiosidade da criança.

A ausência de uma atitude, uma fala natural sobre a sexualidade vai gerar na criança a ansiedade de saber que o fará buscar a satisfação de suas curiosidades em outras fontes nem sempre recomendáveis.

A criança usa muito seu corpo para expressar os seus desejos, seus anseios, seus sentimentos relacionando-se com o ambiente ao seu redor. Motta e Porto (1995, p. 25) dizem que,

É com o corpo que sou capaz de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com os outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Esta é a minha existência, na qual tenho consciência do meu eu no tempo e no espaço. O corpo ao expressar seu ser sensível, torna-se Todo o sujeito tem seu mundo construído a partir de suas próprias experiências corporais. As brincadeiras ou jogos sexuais entre as crianças são muito importantes, pois servem para atender às necessidades sexuais das mesmas. Nas crianças as brincadeiras sexuais são freqüentes e satisfazem a sua curiosidade de ver e tocar o corpo do outro, de ver se é de outro sexo ou de conferir, se o corpo do outro é igual ao seu. Esta descoberta dá prazer físico e emocional. É uma fase transitória e normal entre crianças da mesma idade e não dever ser punida.

O contexto e a valorização das atividades sexuais dependem das condições sócio-econômicas e sócio-culturais, divergindo entre adolescentes do sexo masculino e feminino.

Nos adolescentes masculinos, freqüentemente, se aceita que eles tenham um forte instinto sexual e a necessidade de fazer experiências na área sexual. Quase não existem restrições, pelo fato de que as conseqüências não desejadas só aparecem nas mulheres. (MOTTA; PORTO, 1995)

A sociedade, genericamente, aprova as atividades sexuais das jovens mulheres casadas com menos de 20 anos de idade. A gravidez é desejada, sendo o objetivo principal ter filhos e criá-los. Porém, na maioria das sociedades desaprovam-se as atividades sexuais antes do casamento. Neste caso, a gravidez não é desejada. (MOTTA; PORTO, 1995)

No período entre a menarca e o casamento é de praxe controlar as

atividades sexuais e possíveis conseqüências indesejadas, com ajuda de uma série de regras e hábitos.

O desaparecimento dos valores tradicionais, as atrações do mundo consumista urbano e as condições econômicas reais nas cidades favorecem tanto as relações sexuais pré-matrimoniais com diferentes parceiros quanto à prostituição juvenil. (MOTTA; PORTO, 1995)

A melhoria das possibilidades de educação para os adolescentes, como também as razões econômicas resultam no aumento da idade para o casamento.

Daí aumentam as relações pré-matrimoniais com as suas conseqüências negativas: gravidez não desejada e aborto. Cada vez mais a escolha do parceiro, anteriormente assunto acordado entre as famílias, é assumida pelos próprios jovens. Isto, por sua vez, favorece que se tenham relações sexuais com diferentes parceiros para encontrar o certo.

A escola é um órgão que tem vida e vida é um desafio contínuo. Abraçando educação sexual estará abraçando o “viver”. O viver é dinâmico. Há sempre uma busca, seja intelectualmente, seja de crescimento e felicidade. Todos têm o direito, o dever de buscar felicidade. A educação sexual sadia contribuirá para isso.

O tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas (ALTMANN, 2001).

Outro desafio da educação sexual na escola é o de orientar os alunos para a liberdade. O educador sexual não poderá permitir tudo nem reprimir nada. Isso é difícil. Terá de informar, passar conhecimentos e simultaneamente dar condições para que adquiram um sistema de valores muito pessoal.

Com isso, ocorrerá uma espécie de adestramento social, isto é, aprender a viver e ser aceito na sua sociedade e cultura. A educação sexual que visa essa liberdade fará o indivíduo se libertar, podendo optar e assumir. (ALTMANN, 2001)

Os encontros de sexualidade deverão ser convidativos e descontraídos. É um desafio para o professor que fará o trabalho. Se as aulas forem “chatas” toda tentativa será inútil.

As aulas não podem ser de cima para baixo, isto é, do professor para o aluno. Devem ser laterais, de aluno para aluno, do aluno para o mestre e deste para o aluno. Deverá ser como um ponto de luz que irradia a luminosidade para todo o ambiente.

Para Souza (1991), adolescência (ou juventude) é um período da vida que se caracteriza por mudanças físicas, psíquicas e sociais. Nas classes mais humildes é um período curto e sem problemas aparentes. Nas classes médias, média alta e alta, geralmente é longo e conflitivo.

Os jovens evoluem de forma descompassada. Em certas áreas desenvolvem-se rapidamente, com desacertos físicos, psíquicos e sociais. Em outras, seguirão lentamente.

A adolescência termina quando os indivíduos assumem seu papel de adulto. Entretanto, esse papel depende a classe social e do tipo de cultura onde ele vive.

Aberastury (*apud* SOUZA, 1991) diz que os adolescentes passam por três descobertas importantes. Primeiro: eles se conscientizam de que perderam o corpo infantil. Até esse momento foram simplesmente espectadores das mudanças orgânicas que se processaram em seu corpo. Pouco ou nada puderam interferir nos processos biológicos. Segundo: têm de renunciar à identidade infantil e aceitar as novas responsabilidades e cobranças sociais apropriadas a essa nova etapa da vida: escolha de uma profissão, vida sexual, procriação. Terceiro: a perda dos pais da infância. Notarão que os pais são seres humanos comuns, com virtudes e defeitos e que, por sua vez, também estão perplexos com o crescimento dos filhos e, portanto, constatando o seu próprio envelhecimento.

O ser humano está sempre em evolução, transformando-se e adquirindo novos costumes. E a maioria dos novos conhecimentos são adquiridos na escola, seja através dos conteúdos formais ou da convivência com a comunidade escolar que promove um conhecimento informal, porém muitas vezes bem representativo para aquele que o recebe.

Vem daí a preocupação com a sexualidade da criança e a forma

como ela deverá ser trabalhada, para que não ocorram desvios de informações, principalmente na faixa etária de 10 a 14 anos, quando a criança está entrando para o período de pré-adolescência ou puberdade e são muitos os questionamentos a respeito do sexo, da sua sexualidade.

De acordo com muitos educadores, psicólogos e sexólogos, como Sampaio (1995), Suplicy (1983), Souza (1991), a sexualidade deve ser trabalhada “o quanto antes”, de forma natural e na medida em que a criança vai se descobrindo, descobrindo seu corpo. Só que para aquelas que o fato já aconteceu então devemos nos concentrar em trabalhar uma reeducação nessa área.

A educação sexual é um meio para que a sexualidade seja trabalhada. Por meio dela a criança e o adolescente receberá instruções sobre anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento que se relacionam ao sexo.

Já houve nas décadas de 30 no Rio de Janeiro, em escolas particulares e nas décadas de 50 e 60 em diversos colégios, principalmente na Grande São Paulo, que eram atendidos pelo serviço de saúde escolar. Claro que ainda era uma educação muito fechada, onde na sala só ficavam as meninas com uma professora mulher e em outra sala os meninos, com professor homem.

Em 1970, o Brasil já estava tendo educação sexual nas escolas, porém a Comissão Nacional de Moral e Civismo foi contra essa introdução e para Barroso (1988, p.14) expediu um parecer com os seguintes argumentos: “A inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade”.

E recorrendo à imagem poética de gosto duvidoso como: não se abre à força um botão de rosa, e sobretudo com as mãos sujas. Com a repressão relativamente abrandada, atividades de educação sexual voltaram a ser desenvolvidas, embora às vezes certas iniciativas não tenham saído do papel.

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, já houve em 1971, um seminário de Educação Sexual da UNESCO, realizado no Chile, onde a proposta era, de acordo com Barroso (1988):

- Promover a pessoa como valor de si mesmo;
- Favorecer o respeito à dignidade humana do homem e da mulher, e o reconhecimento de seus direitos iguais na ordem política, legal, sócio cultural, econômica, familiar e sexual;

- Estabelecer o caráter específico da sexualidade humana enquanto não só um meio de reprodução, mas também de relação e conseqüentemente, instrumento de integração e formação da personalidade;
- Promover a aceitação de identidade sexual sem temores, tabus e ansiedade;
- Promover a formação integral do indivíduo para que chegue a ser sexualmente maduro;
- Promover o conhecimento dos processos físicos, psicológicos, sociais e transcendentais relacionados com a sexualidade;
- Promover responsabilidade e autodeterminação do exercício da sexualidade na base de valores, atitudes e comportamentos, de acordo com as necessidades do mundo atual.

Também na Suécia que desde a década de 30 tinha uma tradição de educação sexual, o Conselho Nacional de Educação, publicou em 1977, a pedido do Governo, um novo manual de educação sexual, que deveria ser utilizado pelos professores de escolas primárias e secundárias. Segundo Barroso (1988, p. 20) tudo é relacionado entre si, e,

1 - O aluno deve adquirir um conhecimento de anatomia, fisiologia, psicologia, ética e do contexto social que o preparará para entrar numa relação íntima, caracterizada pela responsabilidade e pela consideração e, portanto, para experimentar a vida sexual como fonte de felicidade e alegria em companheirismo com outra pessoa.

2 - O aluno deve adquirir um conhecimento de diferentes valores, e filosofias de vida, que tenham relação com o sexo e com as relações pessoais a fim de ser capaz de aceitar os valores básicos comuns da vida, que deve ser mantido, promovido e que este mencione entre tais valores: a integridade pessoal, a consideração pelos outros e a igualdade entre homens e mulheres e de tomar uma posição quanto aos valores controvertidos, os quais devem ser abordados objetiva e compreensivamente (entre tais valores, o currículo mencione: atividade sexual de adolescentes, uso de contraceptivo e aborto).

3 - O aluno deve desenvolver uma consciência de que a sexualidade é uma parte integral da vida da pessoa e está estreitamente relacionada com o desenvolvimento de personalidade com as relações interpessoais e com a estrutura social.

4 - O aluno deve desenvolver uma consciência da natureza complexa da sexualidade e ter uma chance de adotar uma posição pessoal sobre questões que envolvam relações íntimas.

A educação sexual deve ter um caráter formativo amplo, que propicie a livre discussão de normas e padrões de comportamentos em relação ao sexo, bem como o debate das atitudes dos jovens adolescentes frente a sua própria

sexualidade. E que de maneira alguma interfiram os valores morais ou religiosos que os jovens tragam consigo, deixando com eles as opções a serem tomadas.

Para Bento (1989, p. 21), “na educação e desenvolvimento da criança sempre há imponderações e incertezas”.

Por isso, postulados e princípios de orientação e ação não podem libertar da responsabilidade individual aqueles que conduzem e orientam crianças no sentido de conhecerem seu próprio corpo, a maneira como ele irá se desenvolver com o decorrer do tempo.

2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Atualmente, o governo já está investindo em cartilhas, livros, folhetos e inclusive programas específicos de educação sexual. Aliás, diga-se de passagem, um pouco tarde, pois a televisão já libera com raras proibições da censura, programas e campanhas específicas, como por exemplo, a da AIDS, uso da camisinha e outros, além é claro da sua programação normal como as novelas, serem carregadas de sensualidades e muitas vezes cenas de sexo. E dentro deste contexto a escola já ficou para trás, está trazendo agora programas que deveriam estar acontecendo há pelo menos vinte anos atrás.

A sexóloga Marta Suplicy colocou a educação sexual na escola da seguinte forma:

O professor orientador não tem que dizer o que é certo ou errado, nem dar conselhos. Ele é um catalizador da discussão, um grande escutador, uma pessoa que mostra respeito pelo que o aluno pensa e que possibilita ao aluno a crítica e o pensamento. No momento em que o professor orientador disser: isso é melhor que aquilo, ele sai do seu papel de orientador (1992, p. 37).

A escola não pode dar educação sexual, mas orientações sexuais, porque educação sexual é algo que começa quando a gente está no útero da mãe e não termina até a gente morrer.

É muito mais referente aos pais e a sociedade em geral, porque é basicamente feito através dos atos e não das palavras, do que se vê na televisão, do que nos rodeia dia-a-dia e não percebe-se pois faz parte do cotidiano como uma

coisa normal, lugar comum. Já a orientação sexual é mais sistematizada, como um currículo com início, meio e fim. (SUPLICY, 1992)

3 A ORIENTAÇÃO SEXUAL E OS PROFESSORES

Para Suplicy (1992), os professores devem estar capacitados para exercer o papel de facilitador da discussão entre os alunos, muito embora ele deve deixar que cada aluno tome seu próprio posicionamento em relação à sexualidade, pois implicará em diversos outros fatores como formação, religião etc..

Mas de modo geral devemos deixar claro à criança que sexualidade é um fato tão intensamente importante para nosso corpo e ao mesmo tempo sem transformar isso num “bicho papão”, sem ampliar o sentimento de culpa que já existe devido a formações religiosas, tabus, costumes familiares e outras.

Suplicy (1992) prega que o professor deve tomar certos cuidados ao fazer a orientação sexual, tais como: não dar conselhos, idéias próprias, não contar suas experiências pessoais, não citar casos específicos que podem ter na sala de aulas, enfim realizar um trabalho de real orientação, imparcial e técnico, respeitando as diferenças individuais.

O fato que ainda hoje, o professor não tem formação para trabalhar a sexualidade, pois quando uma criança de 5ª série pergunta à professora o que é “sexo oral” ou coisa similar, a professora ainda prende a respiração e sua frio para pensar em qual a atitude correta a tomar... Ainda falta leitura, treinamento, estudo, para que o professor possa conversar naturalmente sobre sexo com seus alunos pequenos.

O que devemos levar em conta é que as crianças aprendem sobre o assunto vivendo em sociedade, e daí a necessidade de que a escola ofereça um espaço para que ali o aluno possa trabalhar sua sexualidade de diversas formas, sejam com perguntas, leituras direcionadas, até mesmo esculpindo órgãos sexuais para que passem ser algo mais comum no seu dia a dia.

O que a professora deve cuidar é com a diferença entre educação sexual e orientação sexual, pois enquanto a primeira quem dá é a família porque embute junto os seus valores, a segunda é a professora que fornece informações

corretas, sem tomar posição no que diz respeito a valores. (SUPLICY, 1992)

Numa época como a nossa, em que a criança é precocemente erotizada pela televisão e pelas revistas de adultos, falar sobre sexo serve não apenas para quebrar um tabu, mas também para proteger os pequenos contra doenças e abusos sexuais.

4 OMISSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Quando a família e a escola se calam a respeito de qualquer assunto relacionado com a sexualidade, tentam negar sua existência, que, no entanto, é impossível ignorar o próprio corpo, consideram partes do corpo menos dignas ou mesmo sujas e vergonhosas.

Fala-se muito de sexo, mas sempre para limitar, ameaçar ou proibir, considera-se um instinto rebelde e para que possam ser controladas são criadas instituições, normas, regras que canalizam e domesticam, são gerais e imutáveis. Para isso, podemos encontrar em escritos de Freud (1999, p.188), que afirma: “o recalçamento sexual é condição da evolução da cultura”.

Apesar do papel da educação sexual ser ainda discutível para evitar as experiências sexuais precoces, em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo lê-se que “[...] o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis” (DIMENSTEIN, 1999, p.15).

Neste contexto, a escola é apontada como um importante instrumento para veicular, informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de doenças. (ALTMANN, 2002).

A omissão da educação sexual, também produz efeitos diversos; medo, vergonha, esvaziamento, tédio, frustrações. Pois se trata de formas de mutilação da experiência sexual, cuja plena realização em suas infinitas possibilidades constituiria uma possível ameaça a regimes autoritários e desumanos.

Contudo a omissão também é uma forma de educação, só que reforça o conceito limitado e empobrecido que ainda vigora sobre a sexualidade

hoje. Mas como dar o que também nos foi negado? Repetimos padrões e comportamentos, para não termos que assumir nossas posições e escolhas, porque não podemos ensinar o que não aprendemos. (ONG SABER, 2009)

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) tenham proposto, no final da década de 1990, que o tema transversal “Orientação Sexual” seja inserido do programa das escolas, a temática não tem origem na atualidade, mas vem sendo destacada no meio médico, científico e educacional desde as primeiras décadas do século XX. Percebemos nesse processo a necessidade de formação dos educadores para trabalhar com o tema, que se reflete até os dias atuais (MOKWA, 2004).

Não é uma só a maneira de educação sexual, são diversas, porque são diversos os jovens, diversas são as maneiras de pensamento e aceitação do “conteúdo”.

5 CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

A melhor preparação dos filhos para a puberdade consiste na educação dos pais. Terão filhos bem educados se educadores forem os pais.

Suplicy (1992) diz que a puberdade deve ser reconhecida pelos pais, como tempo de crise de seus filhos, e que exige muito amor, a capacidade pedagógica de sua parte. Não é só a crise dos filhos, mas momento de decisão também dos pais. É a época da dispersão e em que a maioria dos pais se separa dos filhos. Para que possam direcionar bem seu papel nesse período os pais devem, primeiramente recordar da própria puberdade, lembrar seus erros e se foram vítimas em sua juventude passada. Para que possam poupar a repetição de muitos sofrimentos aos seus filhos.

O sofrimento desse período não é igual para todos. Existem aqueles que encaram as transformações do corpo, por exemplo, com otimismo e naturalidade, mas também temos outros que se traumatizam com os sinais corporais da puberdade.

Se os pais não podem preservar os filhos das rudes zombarias dos estranhos, que evitem gracejos em casa, como por exemplo: da barba (penugem) do

filho, dos seios (apontamento) da filha; da voz, dos braços longos e de um todo desajeitado.

Esse tipo de zombaria é grave, pois a criança na puberdade está muito sensível e envergonha-se facilmente e pode chegar à depressão.

Muito maior do que se pode esperar é a sua influência nociva sobre o caráter, a atitude espiritual e, conseqüentemente sobre o futuro indivíduo, e isso não só no domínio sexual como em todas as manifestações da vida.

Para Oliveira; Bueno (1997), os pais e muitos profissionais se encontram despreparados para trabalhar com estas questões. Em conseqüência disso, transmitem informações distorcidas, cercadas de mitos e crenças, as quais se refletem em prejuízos para a qualidade de vida do adolescente e para a saúde pública.

Muitas vezes, durante esse período os pais devem fazer “vistas grossas”, como quando a menina admira seus “galãs”, bilhetinhos de admirador, flores, retratos na parede do quarto etc.

Como se pode observar, o universo sobre os adolescentes é muito amplo e deve ser explorado ao máximo por todos os educadores, pais e mães, e a própria sociedade deve ter responsabilidades no sentido de entender, encaminhar e estruturar o mundo dos jovens adolescentes, não importando suas classes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da sexualidade sempre nos chamou a atenção. No momento da idealização deste artigo este tema mostrou-se adequado, não somente por possibilitar um trabalho que viesse ao encontro das necessidades e curiosidades dos nossos queridos adolescentes, mas que desse suporte pedagógico aos professores que tanto discutem a maneira de como trabalhar a sexualidade com estes alunos.

O exercício da sexualidade faz parte do processo de desenvolvimento biológico dos seres humanos. Entretanto, em muitos lares e escolas, as questões – e questionamentos - sexuais dos jovens são negligenciados ou empurrados para debaixo do tapete, por pais e professores, como se fossem

elementos estranhos ao que conhecemos por Educação.

Se, pelos mais diversos motivos (ignorância, vergonha, despreparo), o adolescente não recebe, em casa, a necessária orientação sobre os riscos e precauções inerentes a uma vida sexual ativa, é obrigação de a Escola fazê-lo.

O trabalho escolar deve aproximar mais no caso específico da sexualidade. Os professores também têm uma responsabilidade muito grande no sentido de planejar ações nesta necessidade das crianças.

Em 1998, o Ministério da Educação incluiu a Orientação Sexual nos Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Lá, afirma-se que, a partir das 5ª série, é importante que a escola possa oferecer um espaço específico (uma hora-aula semanal) para orientar, debater e tirar as dúvidas dos alunos sobre a sexualidade.

Entretanto, como o tema tem caráter transversal, isto é, de aplicação desejável, porém não obrigatória, sua implantação definitiva na grade curricular por vezes esbarra no pensamento retrógrado e tacanho de que essa matéria poderia incentivar ou antecipar o relacionamento íntimo entre os jovens. Uma mentalidade típica daqueles que querem “tapar o sol com a peneira”.

Diante destes resultados, sugerimos a implantação de debates de temas sobre saúde sexual e reprodutiva nas escolas, voltado para alunos, pais e professores, de forma a fornecer subsídios suficientes para diminuir as dúvidas dos adolescentes e preparar os pais e professores para melhor orientar e conviver com este grupo etário.

Neste sentido podemos sugerir que as atividades propostas para o trabalho na escola deveriam partir das curiosidades das crianças e adolescentes.

Também sugerimos, portanto algumas atividades como: mudança no currículo escolar, mudança no pensamento de pais e professores para expor o assunto com seus filhos e alunos de uma maneira objetiva e clara.

O desejo que fica em cada um de nós é que estes resultados não se percam no tempo, servindo como mais uma pesquisa já realizada. É preciso saber ouvir a verdade e as curiosidades dos jovens e adolescentes.

É preciso que pais e professores abram seus pensamentos e enxerguem os adolescentes como parte integrante da sociedade, que têm seus sonhos, dúvidas e curiosidades.

Este estudo foi muito importante para nossa profissão. Além de um embasamento teórico, pudemos ter um contato maior com o adolescente, conhecendo-o sob vários ângulos e aspectos.

No Brasil, são poucos os estudos relacionados ao exercício da sexualidade e à abordagem da educação sexual. Na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a idéia da sexualidade ligada à reprodução e tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas impregnadas de preconceitos e tabus. Estes são transmitidos aos jovens de maneira, por vezes, mais marcante do que a pseudo-abertura colocada na fala, mas que não encontra respaldo na postura.

Assim, podemos perceber através da observação e da vivência com os professores e alunos, que a escola continua sendo a grande responsável pela educação dos alunos.

As atividades desenvolvidas durante a participação no PDE/2008 (Programa de Desenvolvimento Educacional) contribuíram significativamente para ampliação dos nossos conhecimentos. Realizamos várias dinâmicas às quais tinham os seguintes objetivos:

- Possibilitar e facilitar o autoconhecimento;
- Perceber os seus valores pessoais; perceber-se como ser único e diferente dos demais;
- Compartilhar as percepções sobre a família;
- Aprofundar a percepção de si mesmo; perceber as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e ações;
- Identificar qualidades, habilidades e limites pessoais; possibilitar o autoconhecimento;
- Refletir sobre a adolescência, seus ganhos e suas perdas; descobrir diferenças e semelhanças entre as experiências individuais;
- Expressar os pensamentos e sentimentos através do uso de frases que permitam uma boa comunicação;
- Discutir os papéis de gênero (masculino/feminino), explorando as fantasias que cada sexo constrói sobre o outro;
- Perceber os papéis desempenhados no grupo pelos participantes;

avaliar características, possibilidades e dificuldades pessoais;

- Perceber as semelhanças e diferenças entre a família real e a desejada.

Fazer educação implica uma série de compromissos, implica correr riscos, se embrenhar em trilhas desconhecidas, conhecer o sucesso e o fracasso. Fazer educação significa educar a pessoa por inteiro.

Contudo, pudemos compreender, com relação à sexualidade, que a educação deve instrumentalizar o ser humano buscando auxiliá-lo quanto à sua capacidade de interagir no mundo, e, ao mesmo tempo, compreender a ação por ele exercida.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Revista Estudos Feministas, ano 9, 2002.

BARROSO, Carmem. **Educação Sexual ou anti-sexual.** Fundação Carlos Chagas, 1988.

BENTO, J. O. **A criança no despertar da sua sexualidade.** Kinesis. 5.(I): 35, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Geraldo Mota de. **Guia Prático para Evitar a Gravidez.** E.P.U, 1990.

DIMENSTEIN, G. Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez. **Folha de São Paulo**, 4 out. 1999. Caderno Campinas, p. 4.

FAGUNDES, Tereza. **Educação Sexual, construindo uma nova realidade.** Salvador, UFBA, 1995.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1970.

MOTTA, A.; PORTO, H. R. L. As cidades são o palco. **Democracia Viva**, v. 03, 1995.

MOKWA, V. M. N. F. Representações Sociais de Educadores do Ensino Fundamental sobre Sexualidade. Revista: **Gênero, Sexualidade e Educação** / n. 23, 2004.

NUNES, Cezar, SILVA, Edna. **A educação sexual da criança.** São Paulo, editora

autores associados, 2000.

OLIVEIRA, M.A.F.C.; BUENO, S.M.V. Comunicação educativa do enfermeiro a promoção da saúde sexual do escolar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 71-81, julho 1997.

O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL. In: ONG SABER. 2009. Disponível em: <<http://www.ongsaber.org.br/saude-da-mulher/sexualidade-com-qualidade/artigos/45>>. Acesso em: 6 nov. 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Educação sexual para além dos tabus**. Salvador, UFBA, 1996.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo (Pais e Professores)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

SUPLICY, Marta et al. **Guia Nacional de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia da Pré-Escola ao 2º Grau**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.